

Grupo de automaquiagem para pessoas com deficiência visual: repercussões de uma ação extensionista da Terapia Ocupacional



ISSN 2358-7180

Self-makeup group for visually impaired people: repercussions of an extensionist action of Occupational Therapy

Gabriela Cordeiro Corrêa do Nascimento¹

RESUMO

A deficiência visual, em interação com barreiras ambientais, pode repercutir na realização de atividades diárias, sendo necessárias intervenções envolvendo treino, utilização de recursos de tecnologia assistiva e modificações instrucionais ou da tarefa. A maquiagem foi identificada como demanda de intervenção com pessoas com deficiência visual. O objetivo deste relato consistiu em identificar as repercussões práticas de ação extensionista referente a intervenção terapêutica ocupacional no desempenho da atividade de automaquiagem em um grupo de adolescentes e mulheres com deficiência visual. De abordagem qualitativa, exploratória-descritiva, do tipo pesquisa-ação, o projeto foi realizado com a implementação do Curso Básico de Automaquiagem para Pessoas com Deficiência Visual – Maquiagem Diurna. Foram aplicadas duas entrevistas semiestruturadas, antes e após o curso, para coletar dados sobre a experiência das participantes, sendo analisados por meio de análise de conteúdo. O formato do curso, a metodologia e as técnicas utilizadas repercutiram positivamente na automaquiagem, facilitando a realização das etapas, ampliando o repertório e minimizando a quantidade e o tipo de auxílio necessário. Observou-se escassez de estudos sobre o assunto; a necessidade de abordar o papel da maquiagem e sua importância no cotidiano dessas mulheres; e a relação dessa atividade com a autoimagem, a autoconfiança e a autoestima. Evidenciou-se a potência transformadora da ação extensionista relatada permitindo: a correlação teórico-prática; a aproximação e a atuação de discentes e docentes em demandas advindas da comunidade e do campo de atuação; e proporcionando experiências e aprendizados que, tanto discentes quanto a coordenadora do projeto, não teriam em outros formatos de ações.

Palavras-chave: Pessoas com deficiência visual. Atividades cotidianas. Maquiagem (técnica). Terapia Ocupacional. Extensão Universitária.

ABSTRACT

Visual impairment, in interaction with environmental barriers, can rebound in carrying out daily activities, requiring interventions involving training, use of assistive technology resources and instructional or task modifications. Makeup was identified as a demand for intervention with visually impaired people. The objective of this report was to identify the practical repercussions of an extension action in occupational therapeutic intervention regarding the performance of the self-makeup activity in a group of adolescents and women with visual impairment. With a qualitative, exploratory-descriptive, action-research type approach, the project was carried out with the implementation of the Basic Self-Makeup Course for Visually Impaired People - Daytime Makeup. As data collection instruments, two semi-structured interviews were applied, before and after the course, to collect data

¹ Doutora em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: gabriela.correa@ufpr.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7423-6855>.

on the participants' experience, which were analyzed using content analysis. The course format, the methodology and the techniques used had a positive impact on self-makeup, facilitating the completion of the steps, expanding the repertoire, and minimizing the amount and type of assistance needed. It was observed scarcity of studies on the subject; the need to address the role of makeup and its importance in the daily lives of these women; and the relationship between this activity and self-image, self-confidence and self-esteem. The transforming power of the reported extension action was evidenced, allowing: the theoretical practical correlation; the approach and performance of students and teachers in demands arising from the community and the field of action; and providing experiences and learning that both, students and project coordinator, would not have in other formats of actions.

Keywords: Visually Impaired Persons. Activities of Daily Living. Makeup (technique). Occupational Therapy. University Extension.

INTRODUÇÃO

Diferentes causas orgânicas ou acidentais podem ocasionar a perda congênita ou adquirida da função visual, acarretando deficiência visual. Com base em aspectos quantitativos (medidas de acuidade e campo visual e outras funções visuais) e funcionais (visão funcional) a deficiência visual pode ser classificada como cegueira ou baixa visão. Funcionalmente, a pessoa com cegueira usa predominantemente informações advindas de outros sentidos e recursos de substituição da visão para a realização de suas atividades do dia a dia. A pessoa com baixa visão, apesar da perda visual que não pode ser corrigida com intervenções clínicas, cirúrgicas ou recursos ópticos convencionais, usa ou é potencialmente capaz de usar a visão para atividades cotidianas e pode se beneficiar de recursos (ópticos ou não ópticos) para melhora da resolução visual (HADDAD; SAMPAIO, 2010).

A deficiência visual pode interferir no desempenho ocupacional e na participação social, em maior ou menor grau, dependendo não somente dos diferentes níveis de perda visual, mas também, e principalmente, da interação dos fatores do indivíduo com os facilitadores e as barreiras presentes no ambiente (BRASIL, 2015; BURNAGUI; ROSA; NASCIMENTO, 2016; CASTILHO et al., 2011; MALTA et al., 2006). Assim, a deficiência visual em interação com barreiras do ambiente pode repercutir na realização autônoma e independente de atividades diárias, sendo necessárias intervenções que envolvam treino dessas atividades, utilização de recursos de tecnologia assistiva ou modificações instrucionais, da tarefa ou dos materiais.

Nesse contexto, o projeto de extensão e pesquisa “Atenção terapêutica ocupacional a pessoas com deficiência visual nas diferentes etapas do ciclo de vida” teve como objetivo geral promover a autonomia e/ou a independência de pessoas com

deficiência visual nas ocupações e atividades significativas para seu cotidiano e a participação social. A maquiagem é citada como demanda de intervenção de serviços que prestam atendimento especializado a pessoas com deficiência visual (CORRÊA; SANTANA, 2014; LI et al., 2019) e emergiu como demanda relevante pelas adolescentes e mulheres atendidas pelo projeto.

A maquiagem é uma Atividade da Vida Diária referente à higiene pessoal e ‘grooming’, que envolve a higienização da pele e a aplicação e remoção dos produtos de beleza. Considera-se também que, para a realização da automaquiagem com independência e autonomia, a seleção e compra dos produtos de beleza estão diretamente relacionadas (AOTA, 2015). A maquiagem é uma atividade diária de relevância pessoal e social para muitas pessoas, podendo estar relacionada a aspectos como autoimagem, autoconfiança e autoestima, contudo, não há consenso nos estudos sobre a preocupação com a aparência por parte das pessoas com deficiência visual, que naturalmente possuem opiniões distintas sobre o tema (KAPLAN-MYRTH, 2000; RIBEIRO, 2018).

As repercussões no desempenho da atividade de automaquiagem podem estar relacionadas com a dificuldade de verificação/conferência por meio da visão, a escassez de acessibilidade dos materiais e produtos de beleza, entre outros aspectos. Apesar disso, e talvez por tratar-se de uma atividade extremamente visual, não são encontrados referenciais científicos que abordem a realização e o ensino dessa atividade para essa população pelo terapeuta ocupacional ou por outros profissionais.

Assim, o objetivo do presente relato consistiu em identificar as repercussões práticas de ação extensionista referente a intervenção terapêutica ocupacional no desempenho da atividade de automaquiagem em um grupo de adolescentes e mulheres com deficiência visual.

MÉTODOS

Com o objetivo de promover a autonomia e/ou a independência de pessoas com deficiência visual, o projeto pautou-se em uma abordagem qualitativa, exploratória-descritiva, do tipo pesquisa-ação. A metodologia proposta envolveu etapas de

planejamento, ação, descrição e avaliação (GIL, 2010). Portanto, as ações foram planejadas e implementadas de acordo com as demandas que surgiram da clientela atendida. As ações do projeto ocorreram em uma instituição parceira voltada à habilitação/reabilitação de pessoas com deficiência visual, congênita ou adquirida, que recebe desde crianças até idosos.

A etapa de planejamento consistia em identificar demandas espontâneas, pertinentes à atuação da terapia ocupacional, com gestores, profissionais e pessoas com deficiência visual, sendo, então, identificada como demanda pela clientela atendida a realização da automaquiagem por mulheres com deficiência visual. Assim, visando a promoção da independência e da autonomia dessas mulheres na realização da automaquiagem, foi criado o Curso Básico de Automaquiagem para Pessoas com Deficiência Visual – Maquiagem Diurna, tendo sido realizado em grupo como estratégia terapêutica.

Os grupos foram constituídos por adolescentes e adultas com deficiência visual congênita ou adquirida, com cegueira ou baixa visão e que identificaram a maquiagem como demanda de intervenção. Participaram do curso 13 pessoas, contudo, para o presente relato foram consideradas as experiências das participantes que estiveram presentes em todos os encontros, totalizando 10 pessoas, conforme apresentado no Quadro 1. A realização dos grupos e a coleta de dados aconteceu de dezembro de 2015 a setembro de 2016, sendo realizados três grupos no interstício.

Quadro 1: Caracterização das participantes

PARTICIPANTE	IDADE	DEFICIÊNCIA VISUAL	ORIGEM
P01	13	Baixa Visão	Congênita
P02	13	Baixa Visão	Congênita
P03	13	Baixa Visão	Congênita
P04	18	Baixa Visão	Congênita
P05	24	Baixa Visão	Congênita
P06	30	Baixa Visão	Adquirida
P07	36	Cegueira	Adquirida
P08	41	Cegueira	Adquirida
P09	42	Cegueira	Adquirida
P10	46	Cegueira	Congênita

Fonte: Autoria própria (2021).

O curso contou com 5 encontros por grupo, com duração aproximada de uma hora por encontro. Os encontros foram programados de acordo com as etapas da automaquiagem, desde a preparação da pele até a finalização de uma maquiagem para o dia. Foram abordadas questões como: reconhecimento das partes da face que servem de referências para a aplicação da maquiagem; preparação da pele (limpeza, proteção e hidratação); e aplicação de produtos (pele, olhos e lábios).

No primeiro encontro foi solicitado que as participantes levassem o que tinham de material para maquiagem e relatassem como era sua rotina em relação às práticas dessa atividade. Foram discutidas características, embalagens e texturas dos produtos que já tinham e apresentados outros produtos adquiridos pela pesquisadora e doados por uma empresa de cosméticos especificamente para o curso. Também foi abordada a importância da organização dos produtos como, por exemplo, por etapa da maquiagem, para trazer segurança e facilitar a seleção dos produtos no momento da aplicação. O último encontro do curso consistiu em uma visita a uma loja de cosméticos com o objetivo de abordar estratégias facilitadoras para a escolha e aquisição de produtos, como solicitar auxílio de um atendente e identificar os produtos mais adequados para as participantes do grupo.

Como preparação para os encontros e com a finalidade de fornecer material de apoio às participantes, foi elaborada uma apostila descrevendo o passo a passo de cada etapa da maquiagem, escolha e descrição dos produtos e possibilidades de técnicas para aplicação – movimentos indicados e uso de instrumentos (pincéis e esponja) ou do dedo, conforme resumo do Quadro 2. Entende-se como fundamental o registro da elaboração e da exposição dos pontos chaves do material pois a identificação das estratégias utilizadas durante o curso decorreu de longo processo de análise da atividade de automaquiagem e experimentação das tarefas buscando identificar: as estratégias e as técnicas de instrução que poderiam proporcionar o ensino da atividade propósito do grupo; a minimização das chances de erro na realização de atividade visual por pessoas com deficiência visual - ponto chave na intervenção junto à pessoa com deficiência visual; e possibilidades de promover a generalização da atividade com independência e autonomia considerando as especificidades de cada participante e seus contextos de desempenho. Apesar de tratar-se de intervenção em grupo, durante o ensino da atividade as atividades foram sendo ajustadas às demandas específicas de cada participante, como material ou estratégia preferidos. Todo o processo de intervenção da forma como foi

planejado e implementado só foi possível com base em raciocínio profissional próprio do terapeuta ocupacional.

Quadro 2: Resumo dos aspectos abordadas no curso e que compuseram a apostila

REFERÊNCIAS DO ROSTO	PASSOS DA MAQUIAGEM	PRODUTOS ²	TÉCNICAS ³ PONTOS-CHAVE
Zona T Osso Zigomático Maças do rosto Pálpebra superior Pálpebra inferior Côncavo do olho Canto interno do olho Canto externo do olho	Higienização (limpeza, tonificação e hidratação)	Demaquilante ou lenço demaquilante	- Aplicação com algodão e uso do lenço. - Movimentos de vai e vem ou movimentos circulares.
		Tônico	- Aplicação com algodão.
		Hidratante	- Aplicação com o dedo. - Depositar o produto no dorso da mão, evitando excesso.
	Pele	Base	- Aplicação com dedo ⁴ , esponja ou pincel. - Depositar o produto no dorso da mão; aplicar do centro para as extremidades; movimentos circulares e de vai e vem.
		Corretivo	- Aplicação com dedo. - Na pálpebra inferior (região da olheira); dando pequenas batidinhas; do canto interno para o externo; repetir ⁵ .
		Pó	- Aplicação com esponja ou pincel. - Passar no produto (3x) ⁶ e dar leves batidinhas (3x) para retirar o excesso; aplicar com movimentos circulares do centro do rosto para as extremidades; repetir.
		Blush	- Aplicação com pincel. - Passar no produto (3x) e dar leves batidinhas (3x); aplicar nas maçãs do rosto, um dedo depois do nariz, com batidinhas seguidas de movimentos de vai e vem; repetir.
	Acabamento	Sombra	- Aplicação com o dedo ou pincel. - Passar na sombra mais clara (3x); aplicar abaixo da sobrancelha e do canto interno até a metade da pálpebra superior ou em toda a pálpebra superior; passar na sombra mais escura (2x) e aplicar da metade pálpebra superior até o canto externo; movimentos de vai e vem ⁷ .
		Rímel	- Aplicação com aplicador ou dedo. - Pegar o produto e passar nos cílios superiores e inferiores (opcional) penteando os cílios da raiz até as pontas (piscar); manter o dedo indicador na ponta do pincel como referência.
		Batom	- Aplicação com a bala ou dedo - Começar do centro para as laterais; limpar o canto da boca com o dedo com movimento único do canto da boca em direção ao centro com a boca aberta.

Durante os encontros, a terminologia, a descrição e a execução das etapas na apostila foram sendo adequadas, em conjunto com as participantes, considerando suas vivências e referências. Portanto, o material e as técnicas descritas no presente estudo exprimem os aspectos relevantes identificados por esse grupo de mulheres, sem o intuito de esgotar as possibilidades, e considerando que a preferência por determinada técnica é individual. Este material foi posteriormente disponibilizado em versão digital, impressa em braile e áudio gravada, buscando proporcionar acessibilidade.

Os instrumentos de coleta de dados constituíram-se de duas entrevistas semiestruturadas, aplicadas antes do curso e após o seu término, além de impressões da coordenadora do projeto na interação com as participantes. Foram abordadas questões sobre a realização da maquiagem antes e depois da participação no grupo (etapas realizadas, técnicas e produtos utilizados, necessidade de auxílio, benefícios da ida à loja de cosméticos, uso da apostila e repercussões das estratégias ensinadas).

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e os dados analisados por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin. Os dados passaram por pré-análise, leitura flutuante, categorização - qualitativa, por acervo - e tratamento dos dados. A escolha das falas ilustrativas se deu pela representatividade da respectiva categoria (BARDIN, 2011).

Este estudo constitui-se de um recorte do projeto de extensão e pesquisa “Atenção terapêutica ocupacional a pessoas com deficiência visual nas diferentes etapas do ciclo de vida”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde (CEP/SD) da UFPR, sob o parecer nº 925.702, e CAAE no. 26208713.1.0000.0102, em 22/12/2014. A participação no curso e no estudo foi voluntária mediante a assinatura ou consentimento gravado do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou do Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optou-se pela apresentação dos resultados do grupo como um todo, sem divisão entre adolescentes e adultas ou entre cegueira e baixa visão, por não terem sido observadas diferenças significativas entre as demandas elencadas e os resultados obtidos

com relação à idade ou ao diagnóstico. Da análise dos dados emergiram quatro categorias que servirão de base para a descrição dos resultados e discussão.

Realização de automaquiagem e produtos utilizados

De acordo com os relatos, a maioria das participantes (7) realizavam alguma etapa da maquiagem antes do curso, entretanto, restringindo-se à fase de acabamento (batom e rímel), desconsiderando higienização e preparo da pele, o que não configura a realização da atividade por completo. Apenas a participante 04 realizava a automaquiagem completa, com eventuais problemas no acabamento, e duas participantes declararam não realizar nenhuma etapa. Assim, os produtos utilizados limitavam-se a batom, rímel, lápis e hidratante, sendo os últimos dois citados por apenas uma participante. Metade das participantes declarou que conhecia os produtos básicos, como batom, rímel, blush, sombra e lápis, e as demais declararam conhecer todos os produtos, mas não utilizavam por medo de ficar errado ou por não saberem como usar.

Os dados evidenciaram a restrição no desempenho da atividade considerando a ampla gama de possibilidades que a maquiagem proporciona. Dentre os motivos foram citados: o medo de errar, o desconhecimento do que fazer para se automaquiarmos, o nível de dificuldade da atividade, o tempo demandado, a necessidade de conferência e até a falta de acesso ao material. Esses aspectos fazem parte do escopo de atuação da terapia ocupacional ao trabalhar o desempenho em uma atividade e emergiram nas falas das participantes ao serem questionadas sobre a rotina de uso da maquiagem antes do curso.

“Não, nunca mexi [em maquiagem]. Uma que eu não sei e outra, que minha irmã não deixa.” (P05)

“Não, porque eu tinha medo de borrar, de ficar feio... Porque também não sabia como fazer. Não tinha uma ideia de onde começar, onde terminar.” (P08)

Os dados descritos corroboram com o estudo de Moore (2000) sobre implicações da deficiência visual severa em mulheres mais velhas, que apontou a dificuldade em completar atividades diárias frequentemente consideradas importantes para as mulheres, entre elas a maquiagem. Em estudo sobre a imagem corporal de adolescentes com deficiência visual, a falta de controle sobre a aplicação da maquiagem, dentre outros aspectos, é apontada como um possível fator problema para o desenvolvimento de uma autoimagem positiva por essas adolescentes (PINQUART; PFEIFFER, 2012).

Sobre a experiência de consumo de serviços de beleza e estética por mulheres com deficiência visual, um estudo identificou que a experiência se dá de formas diversas, como a autorrealização dos rituais de beleza e estética, frequentar salão de beleza ou receber atendimento em domicílio. Sobre os produtos, assim como no presente estudo, os hidratantes e produtos de maquiagem, dentre outros, constaram entre as preferências de consumo por esse grupo de mulheres (PINTO et al., 2016).

Após o curso, observou-se ampliação das etapas da maquiagem realizadas pelas participantes que faziam o básico, abrangendo a limpeza e preparação da pele e mais etapas da fase de acabamento. Esse fato refletiu também na ampliação dos produtos utilizados, sendo citados, além dos anteriormente utilizados (batom, rímel, lápis e hidratante), o lenço demaquilante, a base, o blush, o pó e a sombra, o que abrange quase todos os produtos utilizados no curso.

“[...] preparação de pele, daí a maquiagem em si sabendo direitinho onde passar o blush, que era coisa que eu realmente não sabia onde passar, né?! Essas coisas assim... E depois também a limpeza da pele.” (P09)

“Não, eu consigo fazer tudo sozinha. A limpeza, depois o preparo, o pó... [Se você tiver que fazer uma maquiagem básica do dia a dia inteira sozinha, você faz?] Faço.” (P08)

As duas participantes que não se automaquiavam antes e após o curso declararam que nem tentaram, não explicando o motivo. Observou-se que o grau de contato prévio que a pessoa tinha com a maquiagem fez diferença na apreensão do que estava sendo abordado, na execução e no interesse em continuar realizando e treinando a atividade.

Quando questionadas, após o curso, sobre dúvidas remanescentes quanto à maquiagem básica todas declararam não terem. Apenas três participantes relataram receio de fazer ou dificuldade na aplicação de produtos na região dos olhos.

Apesar de não ter sido abordada especificamente no presente estudo a simbologia da maquiagem no cotidiano dessas mulheres, é importante ressaltar que esta é uma atividade que pode assumir significados diversos para além da “busca pela boa aparência como: autoestima, confronto, autoafirmação, felicidade, prazer e reconhecimento” (Pinto et al., 2016, p.10) para as pessoas em geral, assim como para pessoas com deficiência visual. A maquiagem configura-se também como uma das formas de transformar o corpo e pode estar relacionada à busca de uma aparência e estética que se aproximem daquela almejada socialmente, o que poderia oferecer à essas mulheres um olhar da sociedade que não perpassasse apenas pela deficiência (PERES et al., 2015).

Técnicas de aplicação

Outro aspecto abordado no estudo foi em relação ao modo de aplicar a maquiagem, se havia a utilização de alguma técnica específica ou adaptada, considerando este um aspecto fundamental para o resultado da maquiagem. Antes do curso foi citada apenas uma técnica específica para aplicação do rímel, coerente com a restrição das etapas da maquiagem realizadas e dos produtos utilizados.

“[...] de qualquer jeito. O batom, normal assim, só passava, não tinha uma referência. O hidratante também espalhava de qualquer jeito. O rímel era uma coisa que eu sempre coloquei o dedo assim, perto, em cima da sobrancelha, da pálpebra e passava o coisinha. Mas dava muito trabalho.”
(P08)

Após o curso, oito participantes declararam que as técnicas ensinadas facilitaram a aplicação da maquiagem, principalmente o uso dos pontos de referência da face para

localização de onde aplicar a maquiagem e a estratégia de controle da quantidade de produto a ser utilizada.

“Facilitaram porque vocês ensinaram aqui, aqui né [pontos de referência do rosto]. É, eu acho que foi muito bem, foi muito bem explicado né. Agora eu vou com mais confiança.” (P10)

“Que foi muito interessante, porque sempre teve o medo de errar, aprendemos todo jeito, de quantidade, até sombra pra passar e não fica a mais ou a menos fica bem tranquilo.” (P06)

Nos estudos encontrados, a maquiagem na vida de pessoas com deficiência visual é pouco abordada e, quando citada, configura como um dos aspectos relacionados à autoimagem. Contudo, não foram encontrados referenciais científicos sobre como a aplicação da maquiagem se dá em pessoas com deficiência visual, as técnicas utilizadas ou as estratégias de ensino dessa atividade para essa população, seja no campo da terapia ocupacional ou em campos correlatos. Esses aspectos são amplamente abordados em materiais informais, especialmente tutoriais da internet de mulheres com deficiência visual mostrando como fazem e dando dicas de automaquiagem.

No curso que compôs o presente estudo foram utilizadas diferentes estratégias de ensino de atividades - motoras, cognitivas e interpessoais - buscando o desenvolvimento de estratégias funcionais. Para tanto, fez-se uso de instruções táteis-cinestésicas (mão-sobre-mão e mão-sob-mão), verbais e visuais, de acordo com as potencialidades e demandas apresentadas por cada participante do curso, sempre respeitando as solicitações de cada uma e dando voz ativa quanto à mediação necessária ou empregada (SABARI, 2005). Destaca-se que para as instruções verbais foram utilizadas técnicas de audiodescrição dos materiais e das técnicas de aplicação dos produtos.

Cabe apontar também que durante o curso buscou-se apresentar diferentes técnicas de aplicação para cada etapa e não o ensino de apenas uma técnica específica. Isso se deu por considerar que a preferência por técnicas, instrumentos e produtos é muito particular e que não há um modo único de realização de atividades por pessoas com deficiência visual, mesmo aquelas que apresentam visão funcional similares.

Necessidade de auxílio

Após a realização do curso foi possível observar que o tipo e a quantidade de ajuda necessária às participantes diminuíram. Antes do curso, a maior parte das participantes (5) necessitava de auxílio para realizar todas as etapas da maquiagem e outras (3) para a verificação do que haviam feito. Entre as pessoas que ajudavam apareceram mãe, cunhada, filha, irmã, prima e madrastra.

“Sempre. Pra minha cunhada, principalmente, que é maquiadora. E coisas mais simples pra minha filha.” (P08)

“Ah, as vezes só, pra ver se a maquiagem estava borrada.” (P04)

Após o curso, das participantes que realizavam a automaquiagem (8) apenas uma declarou que solicita auxílio para verificação por receio de errar.

Um dos fatores apontados por Pinquart & Pfeiffer (2012) que interferem no desenvolvimento de uma autoimagem positiva por adolescentes com deficiência visual é não ter controle sobre a aplicação de maquiagem e depender da avaliação de outros sobre a própria aparência, como acontece no caso da maquiagem. Kaplan-Myrth (2000) abordam a impossibilidade de verificação da aparência por pessoas com cegueira, dependendo de outros para atuarem como seus espelhos, sendo que uma das participantes do referido estudo afirmou que essas pessoas podem não ser espelhos muito confiáveis.

O desempenho independente e/ou autônomo nas atividades de vida diária, dentre elas a maquiagem, constitui-se como demanda identificada pelas pessoas com deficiência visual deste e de outros estudos (CORRÊA; SANTANA, 2014; LI et al., 2019) e importante foco de estudo e intervenção da Terapia Ocupacional. As intervenções no desempenho dessas atividades devem sempre ser condizentes com as potencialidades de cada pessoa com deficiência visual e de acordo com as atividades de

interesse individual (BURNAGUI; ROSA; NASCIMENTO, 2016; CORRÊA; SANTANA, 2014).

O uso da apostila foi considerado como outra forma de auxílio. A maioria das participantes declarou que não utilizou o recurso da apostila como auxílio após o curso por não acharem necessário.

“Não, porque eu gravei as etapas. Não acho necessário. Eu acho que a apostila era necessária durante o curso como a gente fez, depois não.”
(P08)

Neste ponto cabe apontar que a construção compartilhada do material de apoio (Brasil, 2007) facilitou a mediação do grupo; permitiu o desenvolvimento conjunto de técnicas, reforçando o papel de facilitador da terapeuta e o protagonismo das mulheres com deficiência visual; possibilitou maior apreensão e fixação por parte das participantes das etapas abordadas a cada encontro; e revisão do que foi abordado nos encontros anteriores.

Para a construção conjunta das estratégias e da apostila é fundamental considerar que para pessoas que enxergam não é possível entender como acontece o aprendizado e a realização de uma determinada atividade por uma pessoa com deficiência visual (RIBEIRO et al., 2018), e, portanto, técnicas desenvolvidas somente por pessoas videntes podem não ser aplicáveis na prática cotidiana de pessoas com deficiência visual. Ainda, o processo proporcionou aprendizado singular e mútuo (RIBEIRO et al., 2018): para a equipe do projeto ofereceu a oportunidade de se aproximar das especificidades dessa clientela para além dos aspectos técnicos; e, para as participantes, foi possível conhecer as possibilidades de intervenção a terapia ocupacional.

Vivência de compra

Assim, ao final do curso foi proposta a ida a uma loja de cosméticos para trabalhar aspectos relacionados à escolha e à compra de produtos, abordando instrumentos e

características dos produtos que facilitam ou podem dificultar sua aplicação⁸ e como solicitar auxílio de um atendente. Cabe apontar a relevância e a forte relação que a experiência de compra dos produtos tem com a realização da atividade de automaquiagem no cotidiano. As participantes declararam que a vivência foi positiva e que ajudou principalmente a entender como pedir os produtos para um atendente.

“Foi bom. [...] deu pra entender o que a gente deve pedir quando a gente for comprar alguma coisa, tipo de pó.” (P03)

Quanto a experiência de compra dois aspectos merecem destaque: a acessibilidade e o atendimento. Quanto a acessibilidade foram apontadas a disposição do mobiliário, a impossibilidade de acessar recursos visuais de comunicação e a falta de recurso de acessibilidade nas etiquetas e nas embalagens dos produtos como barreiras para a experiência de compra de pessoas com deficiência visual, por exemplo, informações em braile (MOORE, 2000; PINTO et al., 2016). Quanto ao atendimento destacou-se o despreparo dos vendedores no atendimento a essa clientela. Tanto a acessibilidade dentro da loja – considerando o “layout e tamanho adequado e disposição dos produtos” (p.8) – quanto a qualidade do atendimento – envolvendo “presteza, empatia, cortesia do vendedor” (p. 8) – foram identificados como aspectos fundamentais à escolha do local de compra (PINTO et al., 2016). Esses aspectos são relevantes para a população em geral, e, especificamente para a clientela de pessoas com deficiência visual, parecem ganhar destaque (PINTO et al., 2016).

Durante a vivência foi possível perceber que a falta de acessibilidade dos produtos limitou a escolha pelas próprias participantes, talvez por isso o maior impacto da visita não tenha sido como escolher o produto e sim como pedir auxílio ao atendente, sendo esta a forma mais comum de compras para essas mulheres. É frequente também que as compras sejam feitas na companhia de uma terceira pessoa para auxiliar nesse processo (PINTO et al., 2016), o que denota que as barreiras do ambiente impõem dependência de outros para a realização dessa atividade. Acredita-se que uma participação mais efetiva na visita e a realização de mais visitas seriam importantes para incentivar a continuidade e a realização da atividade de automaquiagem no cotidiano.

A identificação da maquiagem como uma demanda relevante para mulheres com deficiência visual e a realização do curso despertou a reflexão sobre o papel dessa atividade no cotidiano dessas mulheres e se sua realização possui ou não relação com aspectos como autoimagem, autoestima, preocupação com a aparência e sentimento de pertença a um grupo social, como, por exemplo, para as adolescentes. Foi possível identificar que não há consenso sobre a percepção desses conceitos por pessoas com deficiência visual nos estudos consultados, sendo encontrados tanto estudos que afirmam que a deficiência visual interfere na formação desses conceitos quanto os que identificaram que não (KAPLAN-MYRTH, 2000; MOORE, 2000; PINQUART; PFEIFFER, 2012; RIBEIRO, 2018). Com base nos resultados obtidos, Pinquart & Pfeiffer (2012) apontam que as intervenções a adolescentes com baixa visão devem promover a construção de uma imagem corporal positiva, oportunizando, dentre outros aspectos, o aprendizado e uso da maquiagem.

Por fim, cabe ressaltar a extensão como uma ferramenta imprescindível para minimizar as lacunas entre o saber técnico e as práticas necessárias para atender as complexas demandas que se colocam no cotidiano. Leite et al. (LEITE; CORREIA; RUAS, 2015) destacam a extensão “[...] como um eixo do tripé indissociado do ensino-pesquisa-extensão apresenta-se como uma potente estratégia, e eficiente, para atender de forma comunicativa as demandas da realidade no campo da saúde.” (LEITE; CORREIA; RUAS, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos das participantes apontaram que o formato do curso, a metodologia empregada e as técnicas realizadas tiveram repercussão positiva na realização da automaquiagem. De maneira geral, facilitaram a realização das etapas da maquiagem, ampliaram o repertório das etapas realizadas e minimizaram a quantidade e o tipo de auxílio necessário. Destaca-se a relevância da intervenção com foco na atividade de automaquiar-se pois, além de ser demanda levantada pelas próprias participantes, é uma atividade de vida diária que faz parte da rotina de muitas mulheres, que a consideram importante para a estética e a autoimagem, e, possivelmente, para a autoestima.

Identificou-se como limitações do projeto e pontos de atenção para ações futuras: a realização de apenas uma visita à loja de cosméticos; não ter abordado o papel da maquiagem e a importância dessa atividade no cotidiano das participantes; e como essa atividade se relaciona com aspectos como autoimagem, autoconfiança e autoestima. Cabe ressaltar que as estratégias e os resultados obtidos referem-se a esse grupo de participantes, não almejando a generalização, mas sim a exposição de algumas possibilidades.

É importante ressaltar a escassez de literatura sobre o tema, o que levanta a questão se este é um papel não desempenhado por esse grupo de pessoas ou se apenas não é um tema abordado nos estudos. Nos estudos encontrados, a maquiagem na vida de pessoas com deficiência visual é pouco abordada e, quando citada, configura como um dos aspectos relacionados à autoimagem. Não foram encontrados referenciais científicos sobre como a aplicação da maquiagem se dá em pessoas com deficiência visual, as técnicas utilizadas ou as estratégias de ensino dessa atividade para essa população, aspectos importantes para o campo da terapia ocupacional, devendo ser foco de estudos futuros. Contudo, esses aspectos são amplamente abordados em materiais informais, especialmente tutoriais da internet de mulheres com deficiência visual mostrando como fazem e dando dicas, o que pode denotar a importância dessa atividade no cotidiano dessas mulheres.

Finalmente, cabe enfatizar a potência transformadora da ação extensionista relatada ao passo que permitiu: a correlação teórico prática; a aproximação e a atuação de discentes e docentes em demandas advindas da comunidade, do campo de atuação; e proporcionando experiências e aprendizados que, tanto as alunas envolvidas como a coordenadora do projeto, não teriam em outros formatos de ações.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece às instituições parceiras do projeto; às participantes da pesquisa; às terapeutas ocupacionais Luana Amaral e Priscila Joly Costa pelo auxílio na construção e condução dos grupos; e às demais alunas do projeto pela participação em discussões fundamentais para o desenvolvimento do curso.

NOTAS

2. Na apostila e no curso foram abordados aspectos referentes à função dos produtos, suas variações, os prós e contras das variações de um mesmo produto, efeitos, uso indicado, durabilidade e variações de valores de compra por considerar essas informações fundamentais para escolha, compra e aplicação dos produtos.
3. Algumas etapas podem ser suprimidas ou alteradas para facilitar a realização da atividade e minimizar a chance de erro. Ex: excluir o pó, utilizando uma base de acabamento aveludado; fazer a sombra antes da pele para facilitar a limpeza se borrar.
4. Aquelas que optarem por utilizar o dedo para aplicação dos produtos devem ser orientadas a limpar os dedos entre as etapas, podendo ser com um lençinho umedecido.
5. Para conferência as participantes foram orientadas a sentir com os dedos se foi espalhado normalmente, como o corretivo, ou utilizar espelho, a depender das possibilidades de cada uma. No caso do uso de espelhos, podem ser usados aqueles que ampliam e/ou que possuem iluminação embutida
6. Todas as técnicas e etapas foram realizadas contando as vezes, conforme sugerido no Quadro 2, a fim de minimizar as chances de erro. Esse número pode variar de acordo com o produto.
7. É possível utilizar fita micropore do canto do olho até a sobrancelha na aplicação da sombra para delimitar a área e melhorar o acabamento.
8. Como por exemplo o batom de acabamento matte, que tem maior durabilidade nos lábios, porém são mais difíceis de aplicar e mancham com facilidade.

REFERÊNCIAS

AOTA - ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo 3ª ed. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 26, n. (ed.esp.), p. 1–49, 2015.

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1ª ed. São Paulo: Edições, 2011.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Caderno de Educação Popular e Saúde. p. 160, 2007.
- BRASIL. **LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015**. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2015.
- BURNAGUI, J. G.; ROSA, M. P. DA; NASCIMENTO, G. C. C. Autonomia e independência: percepção de adolescentes com deficiência visual e de seus cuidadores. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 27, n. 1, p. 21–28, 2016.
- CASTILHO, C. N. DE et al. A gente tenta mostrar e o povo não vê: análise da participação de pessoas com cegueira congênita nos diferentes ciclos da vida. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 19, n. 2, p. 189–201, 2011.
- CORRÊA, G. C.; SANTANA, V. C. Avaliação do impacto de uma intervenção de terapia ocupacional com ênfase no desempenho ocupacional de crianças e adolescentes com deficiência visual. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo Ocupacional da Univer**, v. 25, n. 1, p. 43–50, 9 set. 2014.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- HADDAD, M. A. O.; SAMPAIO, M. W. Aspectos globais da deficiência visual. In: SAMPAIO, M. W. et al. (Eds.). **Baixa Visão e Cegueira: Os Caminhos para a Reabilitação, a Educação e a Inclusão**. Rio de Janeiro: Cultura Médica: Guanabara Koogan, 2010. p. 7–16.
- KAPLAN-MYRTH, N. Alice without a looking glass: Blind people and body image. **Anthropology and Medicine**, v. 7, n. 3, p. 277–299, 2000.
- LEITE, F. C.; CORREIA, R. L.; RUAS, T. C. B. O desafio da interdisciplinaridade na Faculdade de Medicina do ABC. **ABCS Health Sciences**, v. 40, n. 3, p. 337–342, 2015.
- LI, X. et al. The needs for visual improvement of patients presented at low-vision Center in Wenzhou, China. **Journal of Ophthalmology**, v. 2019, 2019.
- MALTA, J. et al. Desempenho funcional de crianças com deficiência visual, atendidas no Departamento de Estimulação Visual da Fundação Altino Ventura. **Arquivos**

Brasileiros de Oftalmologia, v. 69, n. 4, p. 571–574, 2006.

MOORE, L. W. Severe visual impairment in older women. **Western Journal of Nursing Research**, v. 22, n. 5, p. 571–595, 2000.

PERES, R. J. et al. Insatisfação com a imagem corporal entre pessoas com deficiência visual. **Revista Brasileira de Ciencias do Esporte**, v. 37, n. 4, p. 362–366, 2015.

PINQUART, M.; PFEIFFER, J. P. Body image in adolescents with and without visual impairment. **The British Journal of Visual Impairment**, v. 30, n. 3, p. 122–131, 2012.

PINTO, M. DE R. et al. A Beleza na escuridão: um “olhar” sobre a experiência de consumo por mulheres deficientes visuais em serviços de beleza e estética. **Revista Ciências Administrativas**, v. 22, n. 2, p. 371–395, 2016.

RIBEIRO, A. F. et al. Práticas de rádio na escola Louis Braille: a Educomunicação no contexto da Inclusão. **Extensão em Foco**, v. 1, n. 15, 2018.

RIBEIRO, N. C. **Autoestima para pessoas com deficiência visual: análise qualitativa do constructo e fatores influenciáveis**. [Dissertação de mestrado - Programa de Pós-graduação em Educação Física]. Universidade de Brasília - UNB, 2018.

SABARI, J. S. Ensino de Atividades na Terapia Ocupacional. In: PEDRETTI, L. W.; EARLY, M. B. (Eds.). **Terapia Ocupacional: capacidades práticas para disfunções físicas**. São Paulo: Roca, 2005. p. 89–93.

Recebido em: 30 de novembro de 2021.

Aceito em: 31 de janeiro de 2022.